

**TÍTULO:** PROCESSO SAÚDE/DOENÇA DAS MERENDEIRAS E SERVENTES DAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS

**AUTORES:** Mary Yale Rodrigues Neves, Hélder Pordeus Muniz, Ana Cláudia L. Vasconcelos, Alessandra Dantas, Adriana Moraes Silva, Ana Laura Mendonça, Bernadete Silva, Danielle Fonseca, Diomedes Silva, Edilane Nunes Régis Bezerra, Fernanda Santos, Hilma Barreto, Joana Costa, Maurivan Silva, Michelle Santos, Natanne Araújo, Tatiana Oliveira, Virgínia Teles Carneiro, Wilma Ribeiro,

**e-mail:** [heldermuniz@uol.com.br](mailto:heldermuniz@uol.com.br)

**INSTITUIÇÃO:** Universidade Federal da Paraíba

**ÁREA TEMÁTICA:** Trabalho

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente, se tem alastrado um processo de desestabilização dos direitos do trabalho, com o aumento do desemprego de longa duração, com a precarização de atividades e de formas de utilização da mão de obra. Em contrapartida, cada vez mais é cobrada uma participação efetiva do trabalhador, em sua autonomia, criatividade e responsabilidade.

Esse modelo vem acompanhado de um novo quadro de danos à saúde e um maior sofrimento psíquico. No entanto, como os humanos não são passivos, procuram lutar contra o sofrimento, utilizando-se de estratégias de defesas, que são percebidas na prática profissional.

Neste contexto, insere-se também a problemática das relações sociais de gênero, visto que a participação da mulher em atividades de trabalho extraluar está condicionada, além das alternativas existentes no mercado de trabalho, às possibilidades determinadas pela posição que ela ocupa na família e pela classe social à qual está vinculada. Pode-se afirmar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho continua se dando em setores pouco valorizados, com salários inferiores aos homens, mesmo nas situações de igualdade ou superioridade no que se refere à escolaridade.

Este artigo objetiva analisar a problemática do processo saúde/doença das merendeiras e serventes a partir de estudos realizados em escolas públicas municipais da cidade de João Pessoa

– PB, na perspectiva de evidenciar como essas profissionais enfrentam e vivenciam os problemas existentes em sua situação de trabalho.

As abordagens teóricas que embasaram este trabalho foram a Ergonomia Situada, a Psicodinâmica do Trabalho e o Modelo Operário Italiano (MOI). A Ergonomia evidencia a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Segundo Vidal (1985) isso ocorre devido à variabilidade que constitui o mundo do trabalho. Essa variabilidade não é só de ordem externa (condições e meio de trabalho), mas também referente aos/as próprios/as trabalhadores/as (fadiga, envelhecimento e alterações bioquímicas). É nessa atmosfera de variações inevitáveis que o/a trabalhador/a exerce sua atividade. Este mesmo referencial teórico também faz referência à noção de *carga de trabalho*. De acordo com Wisner (1987), a carga de trabalho é resultante da conjunção de elementos (físicos, cognitivos e psíquicos) da situação de trabalho que interatuam dinamicamente, bem como com o corpo do trabalhador.

Além da Ergonomia Situada, a Psicodinâmica do Trabalho há muito tempo também nos sinaliza para a necessidade de uma compreensão da defasagem entre o que acontece no trabalho real em relação ao trabalho prescrito (Wisner, 1994; Daniellou, 1998; Dejours & Abdoucheli, 1994). A compreensão do trabalho real das merendeiras, por exemplo, sinaliza para os tipos de edificações que mais se adaptaria às exigências de seu trabalho e ao favorecimento de mobilizações intersubjetivas no ambiente de trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho é uma linha que analisa a dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho, bem como os aspectos psicodinâmicos das *relações intersubjetivas* (Dejours & Abdoucheli, 1994). Conforme os autores apontam, *intersubjetividade* constitui um ângulo na Psicodinâmica do Trabalho que faz referência às relações com as outras pessoas e bem como com o coletivo, por isso nenhum/a trabalhador/a será considerado um indivíduo isolado. Não existe na ótica da Psicodinâmica do Trabalho uma relação puramente técnica, cognitiva ou física. A relação com a técnica é costumeiramente mediatizada pelas relações hierárquicas, relações de solidariedade, relações de luta e conflito. *A intersubjetividade eclode no próprio centro da organização do trabalho, e esta é, definitivamente sobredeterminada pelas relações sociais de trabalho* (Dejours & Abdoucheli, 1994).

Na década de 1970, o movimento sindical italiano destacou-se pelo que ficou conhecido como modelo operário italiano (MOI) de luta pela saúde, em que um grupo de trabalhadoras/es

aliou-se a um grupo de profissionais da saúde para juntos compreenderem a nocividade dos ambientes de trabalho e transformá-los (Oddone, 1986). Esse modelo interpreta a realidade com base nos saberes formais e informais, da experiência individual validada pelo grupo operário de produção. A validação do grupo integra a experiência do sujeito na experiência coletiva fundada pela consciência de classe. Com esta abordagem a realidade não pode mais ser percebida sem levar em conta o social, a história e a consciência de classe (Vincenti, 1999).

## **METODOLOGIA**

A metodologia envolveu a construção de um dispositivo de pesquisa onde as trabalhadoras foram convidadas a participar de uma análise da relação entre sua atividade e sua saúde, visando, assim, a produção de conhecimento acerca desta questão. O trabalho consistiu na utilização de três instrumentos de pesquisa: a observação da atividade (Wisner, 1987) a instrução ao sócia (Vincenti, 1999) e o mapa de risco (Oddone, 1986).

*Observação das atividades* consistiu em observar e registrar continuamente todas as atividades que estavam sendo realizadas pelas funcionárias, e todos os acontecimentos da escola, da forma mais precisa possível, durante as visitas à escola.

*Instrução ao sócia* é uma técnica na qual pede-se ao sujeito que descreva, detalhadamente, a realização do seu trabalho, incluindo aquilo que é rotineiro e possíveis variações. Inicia-se com uma questão colocada para um/a trabalhador/a: “se eu sou seu sócia e devo substituí-lo durante uma jornada de trabalho, o que devo fazer para que nem seus colegas, nem seus chefes percebam que eu não sou você?”. Ao explicar como o sócia deve proceder, o trabalhador/a conseqüentemente reflete sobre sua forma particular de realizar a atividade, percebendo que mesmo o que muitas vezes parece ‘automático’, na verdade possui grande complexidade.

O *mapa de risco* consistiu em uma confecção, por parte das trabalhadoras, de um mapa (representação gráfica) da escola, no qual foram identificados acidentes, doenças e outras problemáticas do trabalho. *Mapa de Risco é uma representação gráfica de um conjunto de fatores presentes nos locais de trabalho, capazes de acarretar prejuízos à saúde dos trabalhadores: acidentes e doenças de trabalho. Tais fatores têm origem nos diversos elementos do processo de trabalho (materiais, equipamentos, instalações, suprimentos e espaço de*

*trabalho) e da forma de organização do trabalho (arranjo físico, ritmo de trabalho, método de trabalho, postura de trabalho, jornada de trabalho, turnos de trabalho, treinamento, etc.)* (Mattos & Queiroz, 1996)

## **RESULTADOS**

As técnicas empregadas possibilitaram obter informações a respeito da variabilidade e dos riscos do trabalho e sobre a forma como as funcionárias os enfrentam. Os resultados confirmaram que as merendeiras e auxiliares de serviço têm sacrificado sua saúde na realização do seu trabalho.

Apresentam problemas de coluna devido à necessidade de carregar baldes/panelas pesados e de permanecer com postura inadequada na pia; cansaço nas pernas e risco de varizes pela exigência de andar muito e ficar bastante tempo em pé. A precariedade nas condições de trabalho exige mais atenção, cuidados e sofrimento físico e psíquico, como no caso do fogão - o qual têm que controlar para que não desabe com as panelas em cima, nem incendeie devido aos vazamentos de gás, nem as fira com a ferrugem- ; ou no caso do transporte de grandes panelas cheias de comida fervente.

O espaço escolar, de um modo geral, se mostra precário, tendo como seus aspectos mais relevantes as ausências de refeitórios; cozinhas pequenas, pouco ventiladas e iluminação inadequada; localização inadequada de banheiros; temperatura elevada e iluminação inadequada; falta de materiais e equipamentos, e quando existentes, com defeitos; acústica mal planejada; além de áreas mal aproveitadas.

Estes aspectos são partes de uma problemática maior que aponta para o quadro atual de sucateamento da precária rede de ensino público no Brasil. A falta de planejamento e organização da arquitetura escolar, como a ausência de refeitório em algumas escolas, por exemplo, dificulta o trabalho das merendeiras, que são forçadas a construir estratégias para garantir a distribuição da merenda aos/as alunos/as. A necessidade de locomoção dessas merendeiras e serventes para distribuírem a merenda e recolherem os talheres, copos e pratos espalhados pelos espaços da escola aumenta suas atividades e compromete sua saúde. O que se percebe é que a improvisação de espaços utilizados como refeitórios acarreta uma ‘sobrecarga’ de trabalho. Os/as alunos/as acabam sujando pátios, salas de aula, corredores e deixando

resquícios de alimentos, talheres e pratos deixados pelos cantos da escola. Torna-se um trabalho a mais que poderia ser poupado se existissem refeitórios.

Além da ausência de refeitórios, as merendeiras se deparam com outras precárias condições espaciais e instrumentais de seu ofício. As cozinhas onde são confeccionadas as merendas possuem pouca ventilação e, em geral, são pequenas. Elas ficam expostas a uma constante mudança de temperatura provocada pelo calor excessivo das enormes panelas aquecidas e pela baixa temperatura advinda do freezer, gerando queixas de adoecimentos causados por este choque térmico como dores de cabeça, alergias e aquecimento da região pélvica. Não obstante, os instrumentos de trabalhos são bastantes pesados, os balcões, mesas e pias são desproporcionais às alturas das merendeiras e a iluminação é insatisfatória. Como se não bastasse, a maioria das cozinhas estão localizadas próximas aos banheiros interferindo nas atividades das merendeiras por causa dos fortes odores espalhados pelo ambiente, podendo inclusive ser danoso à saúde dos/as alunos/as.

As pesquisas realizadas por Nunes & Brito (2001) sobre o trabalho de merendeiras de escolas públicas do Rio de Janeiro são consoantes com essas considerações por nos indicar que nas escolas em que existe um melhor aproveitamento dos espaços físicos as locomoções e interações entre as pessoas são facilitadas, as relações intersubjetivas demonstram-se mais interessantes e seus integrantes aparentam ser mais afeiçoados e solidários uns com os outros. Do mesmo modo, em escolas cujo espaço físico não possibilita uma boa locomoção acaba comprometendo as trocas de experiências entre seus membros, dificultando as suas relações.

Tudo isso implica não somente na privação de um espaço *altero*, de encontro/ debate público interno (entre pares e trabalhadores(as)/direção), mas o comprometimento da regulação do trabalho e da saúde desses/as trabalhadores/as.

Outra questão é que o pequeno efetivo de pessoal impede que possam faltar ao trabalho quando doentes. Assim, mesmo quando recebem licença médica, elas não gozam desta, para que as colegas de trabalho não fiquem sobrecarregadas, prejudicando, assim, a própria saúde.

Constatou-se também que uma das principais fontes de sofrimento psíquico é o não reconhecimento por parte dos outros profissionais da escola, do trabalho e do papel de educadoras que as merendeiras e serventes exercem. Pois, tanto as merendeiras quanto as auxiliares de serviço ensinam aos alunos bons modos, como devem se alimentar e a se preocuparem com a higiene. Porém, como a atividade de merendeiras e serventes são

consideradas como qualidades naturais femininas (cozinhar e limpar), acaba havendo o não reconhecimento do valor e da complexidade da atividade destas trabalhadoras, o que pode causar prejuízos à mobilização subjetiva para o trabalho, que pode ser verificada através do compromisso e responsabilidade de cada um. De acordo com Dejours (1993) o reconhecimento é necessário para a construção da identidade, para a promoção de saúde. É importante não apenas poder contribuir, mas ser reconhecido, ver o trabalho valorizado, do ponto de vista do elogio, de melhores salários.

Por fim, compreende-se que para garantir a merenda e a higiene escolar, estas profissionais têm enfrentado riscos que comprometem sua saúde. Ressalta-se ainda a importância da utilização de metodologias como as utilizadas no presente estudo para investigar a relação saúde e trabalho, por possibilitar que tanto os/as trabalhadores/as das escolas quanto os pesquisadores reflitam e articulem estas questões.

## REFERÊNCIAS

DANIELLOU, F., El Análisis del Trabajo? Criterios de salud, criterios de eficacia económica.

In: Castilho, J. J.: Villena, J. (orgs.). **Ergonomia: conceptos y métodos**. Madrid: Editorial Complutense S. A., 1998.

DEJOURS, C. **Addendum teórico da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**: in Travail Usure Mental, Bayard. Nouvelle édition augmenté, 1993.

DEJOURS & ABDOUCHELI. **Psicodinâmica do Trabalho**. Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

MATTOS, U. O. & QUEIROZ, A. R. **Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

NUNES, B.; BRITO, J. & ATHAYDE, M. Experiência, desenvolvimento profissional & saúde das mulheres-merendeiras-serventes. In: ATHAYDE, M. (et all.) (orgs). **Trabalhar na escola? “Só inventando o prazer”**. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA, 2001.

ODDONE, Ivar. *et al.* **A Luta dos Trabalhadores pela Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1986.

VIDAL, M. C. R., **La variabilité du travail sur les chantiers em France et Brésil: origines et modalités de la dimension gestionnaire du travail ouvrier**. Dr. Ing., CNAM, Paris, France, 1985.

VINCENTI, A. **Ivar Oddone, intelectual orgânico e pesquisador heterodoxo** *Les Territoires du Travail: les continents de l'expérience*, Mai, Nº 3, pp. 33-42, Catéis Trad. Jussara Brito, 1999.

WISNER, A.. **Por Dentro do Trabalho: ergonomia – método e técnica**. São Paulo: FTD Oboré, 1987.

WISNER, A. **A Inteligência no trabalho: Textos selecionados em ergonomia**. 1 ed. São Paulo, FUNDACENTRO, 1994.